

Introdução

A presente antologia tem por objetivo mostrar a variedade com que se tem abordado o tema da (des)colonização na literatura portuguesa contemporânea. A seleção dos textos literários foi regida sobretudo pelo critério de representatividade (das obras e dos autores) e pelo interesse que os textos possam despertar nos estudantes. Naturalmente, não se eliminou também o gosto pessoal da antologista e, em última estância, a acessibilidade dos livros.

Sendo embora o nosso campo literário restrito à contemporaneidade, não evitámos uma anacronia, i. é., a inclusão de obras que poderiam ser consideradas precursoras da temática tratada. É o caso do romance *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) de Eça de Queirós, das narrativas de Branquinho da Fonseca e, um pouco à parte, dum extrato parcial da novela neorrealista de Carlos de Oliveira que exhibe um carácter bastante singular. Estas obras são um bom exemplo das narrativas que exploram o registo das aventuras, não ingénuo mas problemático, tocado de subtil crítica do colonialismo português. Aliás, trata-se de obras que correspondem a uma fase do tratamento do tema exposto (cronologicamente, a primeira metade do século XX), fase esta que poderemos apelidar exatamente de **aventuras** e que abrange também as *narrativas coloniais*, as quais, no entanto, pela sua qualidade duvidosa decidimos não incluir.

A fase de aventuras é seguida pela fase que podemos denominar de **espelho** (mais ou menos meados do século XX). Trata-se já de uma crítica aberta e explícita do regime colonial, de acordo com o neorrealismo, tingido já de certo existencialismo. Na antologia, esta fase é representada pela obra de Castro Soromenho e José-Augusto França.

Outra fase se anuncia nos anos 70 quando se começa a abordar literariamente a guerra colonial, uma das épocas mais traumáticas da história portuguesa. Esta fase pode ser chamada de **exorcismo**: os escritores entram com os testemunhos pessoais, trabalhados ficcionalmente, nos quais perspetivam e analisam a legitimidade da violência, bem como o problema da responsabilidade, da culpa e da perda. Não se omitem, também, as consequências da experiência militar. É uma fase em que o protesto contra a guerra e bestialização do humano serve de purificação e verbalização de um dos assuntos tabuizados na sociedade portuguesa. Nesta fase inclui-se, por exemplo, a obra inicial de António Lobo Antunes.

A última fase que abrange mais ou menos as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI pode ser nomeada de **regressos**. Nela encontramos uma incrível riqueza

de tratamentos literários, é uma época em que já se ultrapassou o criticismo imediato e explícito. Os vários tipos de regresso à questão da (des)colonização iniciam uma nova polémica, aberta já a certos ângulos anteriormente omitidos ou propositadamente silenciados: há uma nova perspetiva do feminino e da participação das mulheres no sistema colonial e na guerra (por exemplo, Lídia Jorge e António Lobo Antunes), há uma problematização cada vez mais explícita do retorno dos ex-colonos a Portugal (António Lobo Antunes, Dulce Maria Cardoso, Fernando Dacosta, Maria Ondina Braga, Lídia Jorge, Isabela Figueiredo etc.), há uma reflexão sobre o colonialismo português e o fim do império (Hélder Macedo, Manuel Alegre, Lídia Jorge, Isabela Figueiredo, no ensaísmo sobretudo Boaventura Sousa Santos), há uma tendência de regressar ao espaço africano por via do memorialismo ou imaginação (Teolinda Gersão), por vezes acompanhada de uma viagem aventureira (Francisco Camacho), ou então, regressa-se tanto no espaço, como no tempo (p. ex. Mário Cláudio, Miguel Sousa Tavares).

Todas estas linhas serão abordadas panoramicamente na presente antologia, na esperança de motivar os estudantes a lerem também outras obras dedicadas a este tema tão interessante como complexo e imprescindível para compreender o passado cultural de Portugal, bem como o seu presente e futuro.

Antologia é ainda completada por alguns exemplos de reflexão crítica sobre a questão da (des)colonização portuguesa. As entradas na parte literária e na parte ensaística seguem a ordem alfabética.